

DIFERENÇAS CULTURAIS E DESENHO URBANO: experiência de transferenciabilidade de princípios entre as cidades de Pelotas e Oxford.

DEBORA SOUTO ALLEMAND¹; MANUELA FARIAS DO AMARAL²; PIERRE MOREIRA DOS SANTOS³; BARBARA DE BARBARA HYPOLITO⁴; FERNANDA TOMIELLO⁵; EDUARDO ROCHA⁶

¹ UFPEL/PROGRAU/Licenciatura em Dança – deborallemmand@hotmail.com

² UFPEL/FAURB/Arquitetura e Urbanismo – manuela.ufpel@gmail.com

³ UFPEL/FAURB/Licenciatura em Letras – pierre.moreira@hotmail.com

⁴ UFPEL/FAURB/PROGRAU – barbarahypolito@hotmail.com

⁵ UFPEL/FAURB/PROGRAU – fernandatomiello@gmail.com

⁶ UFPEL/FAURB/PROGRAU – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido foi produzido a partir do relatório final do projeto intitulado **"Diferenças Culturais e Desenho Urbano: experiência de transferenciabilidade de princípios entre as cidades de Pelotas e Oxford"**, financiado pelo Edital Internacionalização da Pós-graduação 2013 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O projeto reuniu pesquisadores, docentes e mestrandos do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e do Join Centre for Urban Design (JCUD) da Oxford Brookes University (OBU), que realizaram missões de estudos nos dois países - Brasil e Reino Unido - entre os anos de 2014 e 2015.

A investigação desenvolvida simultaneamente se dedicou a experimentar e mapear - a partir de oficinas fotográficas com a participação dos pesquisadores e das comunidades locais - as qualidades de desenho urbano encontradas em áreas centrais das cidades de Pelotas (Brasil) e Oxford (Reino Unido). A escolha das duas cidades se deu em função de serem cidades de porte médio, por sediarem os núcleos de pesquisas envolvidos e, principalmente, porque há uma emergência na necessidade de estudos sobre cidades de pequeno e médio porte.

As questões disparadoras do processo de pesquisa foram: "Do que é feito um bom lugar?"; "Quais as diferenças e semelhanças entre os desenhos urbanos encontrados nas cidades de Pelotas (Brasil) e Oxford (Reino Unido)?"; "Os princípios encontrados são transferíveis de uma cultura para outra?" e; "Como a técnica da fotografia pode ser utilizada na visualização de qualidades de desenho urbano no espaço público?". E o objetivo geral da proposta foi investigar e sistematizar as qualidades de desenho urbano experimentadas nas áreas centrais das cidades de Pelotas e Oxford, a fim de experimentar esses lugares, percebendo as boas qualidades e registrá-las fotograficamente, possibilitando avanços nos processos de transferenciabilidade de princípios entre culturas.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada esteve pautada nos princípios dos experimentos coletivos e das cartografias urbanas, com a estratégia de ação dividida em 3 etapas: territorialização, desterritorialização e reterritorialização (GUATTARI, 1993; HAESBAERT, 2006). Os conceitos (territorialização, desterritorialização e reterritorialização) foram abordados e experimentados através das atividades

desenvolvidas no projeto (oficinas, palestras, mesa redonda, seminário, exposições e incursões fotográficas) nas duas cidades. A nossa cidade, a cidade do outro e o retorno. Todas as etapas foram também compostas por teleconferências e divulgação dos resultados em tempo real por meio do *website* <https://crosscultdesenhourbano.wordpress.com/>.

A etapa de **Territorialização** se ocupou do reconhecimento dos lugares centrais das duas cidades, a delimitação das áreas, os trajetos, ampla revisão bibliográfica e confecção de instrumentos para coleta de dados. Foram propostas duas oficinas na cidade de Pelotas, “Espionando o Desenho Urbano” e “Fotografia Expandida”. As oficinas investigaram os princípios de desenho urbano encontrados pelos participantes e pesquisadores locais, através de vídeos, infográficos e fotografias. Assim, se fez o reconhecimento da área escolhida, “Calçadão da Andrade Neves”, lançando o olhar às qualidades que contribuem na criação de bons lugares e, através da experiência com a fotografia expandida, desconstruindo e sobrepondo imagens, foram propostas novas possibilidades de qualificação da área.

A etapa de **Desterritorialização** ocorreu em Oxford, e possibilitou aos pesquisadores experimentar o desenho urbano de outro lugar, as diferenças e semelhanças, através da troca de experiências entre os grupos de pesquisa brasileiro e inglês. Foram propostas, nessa etapa, duas oficinas “*Taking a Peek at Urban Design*” e “*Expanded Photography*” e uma exposição apresentando os resultados das oficinas realizadas em Pelotas na etapa anterior. A experiência se fez através do reconhecimento da área, “*Cormarket Street*”, a investigação das qualidades de desenho urbano encontradas ali e proposta de novas possibilidades. O grupo de pesquisa teve ainda a oportunidade de conhecer e discutir projetos locais do Departamento de Planejamento da *Oxford Brookes University*, como o “*Cicle Boom*” com o pesquisador Tim Jones; e a aproximação com estudantes da pós-graduação da Oxford Brookes. Durante o encontro, que abordou o tema do Desenho Urbano, a ideia do Bom Lugar e as diferentes possibilidades de pesquisa acerca do urbanismo e qualidades urbanas, foram apresentadas as pesquisas desenvolvidas pelos estudantes em Pelotas e Oxford e funcionou como uma orientação em conjunto, através da troca de experiências e a participação dos professores envolvidos no projeto. A etapa propiciou o encontro entre as diferenças, o cruzamento entre as qualidades encontradas nas duas cidades e, ainda, a discussão acerca do que faz um bom lugar.

A última etapa, de **Reterritorialização**, se fez na intenção de dar sentido a novos vínculos e qualidades de desenho urbano. A etapa reuniu todo o material coletado nas oficinas e se utilizou de teleconferências para a discussão e encaminhamentos entre os pesquisadores das duas cidades. Contou ainda, com a vinda ao Brasil do grupo de pesquisadores da Oxford Brookes, que através de palestra e oficinas que abordaram sobre as qualidades que fazem um bom lugar, a dificuldade da transferenciabilidade destas entre culturas diferentes e a importância do avanço nesses estudos. A etapa resultou ainda na construção deste livro e a apresentação dos resultados em conferências e encontros acadêmicos. Dessa forma, promoveu a discussão acerca de todo o processo e dos resultados encontrados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O espaço público das cidades na contemporaneidade não está definido e limitado pelos planos urbanísticos. Em muitas ocasiões são os habitantes da cidade que decidem qual espaço vai ser público e qual não vai ser; qual espaço

cumprirá uma função ou outra. E esses espaços não regulados, espaços anarquistas, onde se produzem atividades que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas gerando mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade. Este aspecto informal, longe de ser ocasional, mas sim efêmero, constitui uma regra importante no desenvolvimento de muitas cidades. Existem países onde aproximadamente 50% da economia é informal e esta gera espaços também informais que, na necessidade urgente, apresentam uma arquitetura e um urbanismo circunstancial em espaços de ecologia descontínua, sem registros, provisória.

O desenho urbano trata de uma área do conhecimento aplicado que se apresenta como uma potente ferramenta para lidar com a estrutura, a aparência, o desenvolvimento do espaço e da forma urbana. A partir de planejamento aliado às políticas públicas, aos princípios arquitetônicos e culturais de uma época, criam-se cidades com mais mobilidade social e urbana, e onde a interação social ocorra em espaços projetados de forma a qualificar o lugar.

Um instrumento que interpreta o contexto urbano visando objetivos tanto estético-formais, como sócio-funcionais, a fim de criar cidades com maior mobilidade social e urbana, cujos habitantes sejam incentivados a possuir vidas mais ativas, mais seguras e onde a interação social ocorra em espaços projetados de forma a qualificar o lugar e os experimentos pessoais pela cidade. Assim, estuda a disposição dos equipamentos e a funcionalidade das cidades de acordo com suas demandas e, em particular a forma e a utilização do espaço público. Está intimamente ligado ao planejamento urbano, a arquitetura e ao paisagismo, na prática de composição a partir do desenho, de forma multidisciplinar, inter-relacionada com os interesses econômicos, políticos e socioculturais vigentes de cada local.

Mas, do que é feito um bom lugar? A ideia de um bom lugar se baseia na criação de espaços públicos caracterizados por **segurança**, **fácil acesso**, **legibilidade** e **percepção** (onde os habitantes possam manter um controle passivo sobre o espaço urbano, “olhos nas ruas”), **balanço ecológico** (com áreas verdes e azuis), **permeabilidade** (através de conexões e acessos), **identidade cultural** (a partir do reconhecimento do lugar e do seu patrimônio, enraizado no passado e criando o novo), **viabilidade econômica** (que conecta as redes de emprego e demais usos da cidade), **vitalidade** (referente ao fator bem-estar, aos lugares atrativos, confortáveis e seguros; produto da interação de fatores psíquicos, ambientais e econômicos; com as edificações interagindo com os espaços públicos, “fachadas ativas”), e **variedade** (diversidade cultural, usos mistos, variedade tipológica) (GEHL, 2009).

Assim, um projeto urbano vem na tentativa de propor melhor configuração física e espacial possibilitando o cumprimento dos objetivos sociais e o planejamento para o crescimento das cidades; desenvolvendo programas de melhoria, criação e revitalização de áreas urbanas. O processo utiliza-se inclusive de ferramentas computacionais, como o Sistema de Informação Geográfica (SIG), que armazenam dados e informações espaciais (equipamentos, pessoas), através de programas e procedimentos computacionais vinculados a um sistema de coordenadas, que permitem a representação do espaço físico das cidades, prevendo ações, facilitando a análise e a gestão dos fenômenos que nela ocorrem.

Dessa forma, o planejador urbano trabalha fazendo suposições acerca do futuro, os problemas, as hipóteses e os impactos (positivos e negativos) que um determinado plano de desenvolvimento urbano poderá causar em uma área de

atuação. Entendendo os processos sociais e do ambiente físico a fim de criar possibilidades que sirvam aos propósitos da comunidade, sempre considerando a forma urbana e as relações humanas (comportamentos, hábitos e processos da população). Para tanto, devem estipular objetivos a alcançar, sugerir diretrizes, analisar programas e escolher os melhores meios para realizar determinada ação. Dessa maneira, os resultados podem ser qualificados, gerando bons lugares, e isso vai depender dos muitos interesses que envolvem a sociedade e das possibilidades de cada lugar.

Então como principal resultado do projeto, foram descobertos/criados alguns princípios de desenho urbano semelhantes e diferentes nas cidades de Pelotas e Oxford, possibilitando que se inicie a criação de referência bibliográfica acerca do Desenho Urbano nas cidades brasileiras, já que a principal bibliografia adotada nesta área, hoje, é estrangeira (GEHL, 2009). Assim, os princípios de desenho urbano criados através desta pesquisa podem ser elencados em categorias, como: **Escala, Vitalidade** (espaço central), **Lugar dentro do lugar, Diversidade** (usos/idades), **Resiliência, Maleabilidade/Apropriação, Identidade, Permeabilidade, Conexões, Surpresa, Performances culturais, Legibilidade, Vegetação, Estar, Eventos temporários e Fachadas ativas.**

4. CONCLUSÕES

Experimentar o vaguear em um lugar estrangeiro, ver-se mesmo estrangeiro, outra língua, outros costumes, outro clima, cores, texturas, outras qualidades e regras urbanas. Assim se fez essa experiência *crosscultural*, entre as cidades Pelotas/Brasil – Oxford/Reino Unido, pelo grupo pesquisador desse projeto.

Entende-se que alguns princípios que funcionam na Inglaterra não são aplicáveis ao Brasil (especialmente a cidade de Pelotas), já que os hábitos e costumes dos povos são diferentes, significando que os princípios de desenho urbano não podem ser considerados universais. Ainda assim, foi possível encontrar semelhanças entre as duas cidades e verificar que algumas das características pesquisadas são próprias dos dois locais estudados, mostrando que é possível aprender com o outro e mesmo transformar-se a partir das relações de ensino-aprendizagem na cidade.

E a respeito da metodologia, que utilizou técnicas fotográficas, foi possível não só capturar os aspectos da cidade que fazem um bom lugar, como construir e (re)pensar os lugares através da fotografia, sugerindo novos usos, atividades e configurações espaciais mediante a manipulação de imagens. Destaca-se ainda nesse processo, a rapidez e facilidade de manipulação de imagens, as múltiplas possibilidades de edição e as diferentes alternativas para a construção das imagens - que incluem as possibilidades do próprio equipamento e a utilização de aplicativos ou programas de computador.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GEHL, Jan. **Cities for people**. Washington/Londres: Island Press, 2009.
GUATARRI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1993.
HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios a multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.